



PORTE
PAGO

Quinzenário * 29 de Dezembro de 1979 * Ano XXXVI — N.º 934 — Preço 5\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

A Obra da Rua faz anos

Quarenta se consumam no próximo 7 de Janeiro.

Verdadeiramente ela começou no dia da «martelada», naquele Verão de 1923 em que o Américo de Aguiar, em vez de regressar a Moçambique como tinha posto, se dispôs à Vontade do Senhor que acabava de chamá-lo com tal ímpeto, com tamanha evidência que lhe não ficou espaço para olhar para trás nem tempo para arrumar negócios e despedir-se da família. Não que O tenha visto com seus olhos, ou escutado com seus ouvidos ou tocado com suas mãos! Mas que foi uma experiência do Senhor no meio de nós, disse não se du-

vida: A sua vida posterior viria confirmá-la.

Fidelidade e convivência íntima com Jesus foram constantes da sua vida. Ela decorreu entre o Cristo do Altar e Cristo identificado com os mais pequenos dos homens. No Altar concebeu as suas obras. Entre os Pobres as deu à luz. Recebia de Cristo para levar a Cristo. A simplicidade do seu carácter natural é característica do seu carisma sobrenatural. A humildade uma consequência lógica. Ele era apenas o «recoveiro». Não transportava nada de seu. Todo o Dom verdadeiro vem do Alto. O que Deus pôs na sua alma

foi o que tomou em suas mãos para Lho ofertar no serviço dos Irmãos. Por isso a sua vida tem um sabor eucarístico. Ela foi toda um acto de louvor e acção de graças e uma manifestação da presença real do Senhor no meio dos homens. O humano só pode transubstanciar-se em divino depois do divino se «enxertar» no humano. Podemos ir a Deus porque Deus veio a nós. Porque Pai Américo sabia profundamente que «com Cristo nada é impossível» e que Ele é o «Deus conosco», próximo e familiar; e se Lhe abriu com todo o seu afecto e cuidado de manter a proximidade — por isso lhe

creceram asas para tão altos voos.

Quem quiser explicar a fecundidade do seu sacerdócio que durou na Terra apenas vinte e sete anos, tem de vir por aqui. Quem quiser compreender a vitalidade com que nasceu e cresceu a Obra da Rua, que Pai Américo conduziu até aos dezasseis anos e caminhou já mais vinte e quatro sob o impulso que nos legou, não procure em razões da Razão. É Cristo revelado nela, no rosto dos mais pequeninos, a quem a solicitude do Pai Celeste jamais deixou sem resposta às suas necessidades essenciais, é Ele Quem seduz, Quem atrai.

Pai Américo identificou-se com o Mistério de Cristo. Já D. Manuel Luís Coelho da Sil-



Quarenta anos depois, um sinal de vitalidade e continuidade da Obra da Rua é o Miguel — filho do Augustito — neto da Obra e representante de centenas deles espalhados por todo o Mundo.

De como nasceu A CASA DO GAIATO

N. da R. — A presença de Pai Américo é todos os dias entre nós, com mais razão em dias de festa.

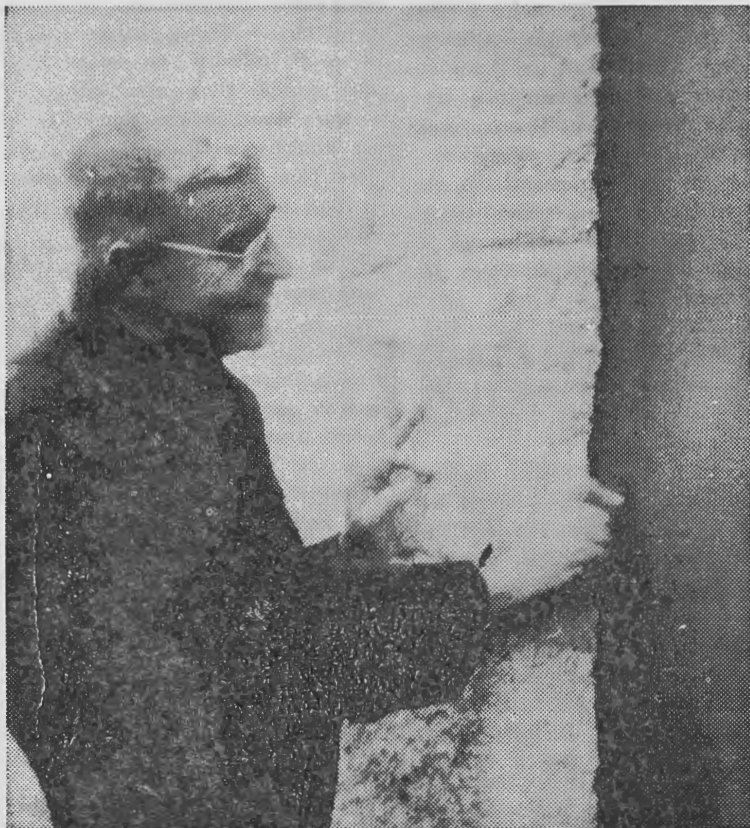
Quarenta anos — a maturidade.

Pai Américo vai falar connosco. Estamos a vê-lo, com um peculiar riso irónico, quando muitas vezes referíamos o porvir, concluindo à sua moda: — «Depois... é que vai ser...»

E é!

Tinha um apurado sentido de Paternidade. Melhor, dois sentidos: Padre e Pai; ainda que, do ponto de vista filológico, ambos tenham idêntico significado.

Estamos a vê-lo, a escutá-lo — dizíamos — olhos nos olhos, frente a frente, com saudade, é evidente. Aquela saudade viril que estimula, que dá alento, que dá Vida. Ele foi sempre um Homem cheio de Vida, a transbordar! Assim, conta um pouco da história da Obra da Rua. E, também, um programa, que não é despidendo quando estamos em maré alta de «programas» e de «promessas» em todo o País.



A Casa do Gaiato abriu as portas aos três primeiros garotos, na primeira semana de Janeiro de mil novecentos e quarenta; e consta do livro de registos terem feito ali cura de repouso, até ao fim do ano, quarenta e dois deles.

Não é um estranho que se apresenta; é um filho que chega à casa paterna. Nunca se anuncia aos que estão, o nome do garoto que há-de vir amanhã, para não «arder Tróia»; basta que eles o saibam na hora da chegada.

Vão todos em algazarra infernal, esperá-lo ao fundo da quinta. O garoto é medido com os olhos, fuzilado com perguntas, apertado de todos os lados, por todos; e, finalmente, carregado em triunfo até à sala de jantar. Não há melhor sala no mundo, para receber garotos assim, do que a de jantar.

A sopa vai servir-se. A chilreada continua até às orações da noite. A Casa está em festa; chegou uma vítima inocente das tuas prodigalidades. Até que vem a hora da cama de lençóis lavados que o pequenino vê e goza pela primeira vez na vida.

A Regente tem já examinado a papeleta do Médico responsável. Está informada do verdadeiro estado de saúde do recém-chegado; se necessita qualquer trato especial. No dia seguinte começa a vida; o «recruta» vai entrar no regimento.

As vezes, não é o garoto das ruas de Coimbra, mas sim o pequeno vadio das feiras que se apresenta. Vem afeito a dormir nos palheiros. É robusto, sabido, tisonado do tempo; e num instante declina a sua identidade: — «Sou filho das tristes ervas, tenho andado ao Deus dará».

va, o Bispo que o ordenou, assim reagia ao pedido de confirmação dos seus passos, naqueles tempos de Coimbra: «A sua vida é um mistifório»; mas «ande lá...» E ele andou. Andou até ao fim criando mistério, o qual provoca interrogações profundas no homem que observa e pensa nas causas de tais efeitos... e chega ao Mistério de Cristo — O que veio e «passou fazendo o bem»; e ficou e passa fazendo o bem. É Ele; mais ninguém. E por Ele, com Ele e n'Ele é que os homens que ultrapassam a sua capacidade natural puderam tanto. A grandeza de tais homens consiste em «guardar e fazer render o dom da escola, na fragilidade das suas misérias»; em acreditar nas «maravilhas que Deus opera pelas suas passadas e em pregá-las ao mundo»; em «esconder-se em seus escritos, suas falas, tudo quanto seja expressão, para que a obra de Deus resplandeça e converta». «Doutra maneira seria desperdiçar.» Estas as disposições de alma que Pai Américo pensava necessárias ao chamado a levar o amor de Deus aos homens: as que o tornam capaz

Continua na QUARTA página

Cont. na 3.ª página

PELAS CASAS DO GAIATO

Setúbal

UMA CARTA — Ontem chegou-nos às mãos uma carta, escrita por um dos nossos que abandonou a Casa e tornou a vir não sei quantas vezes. Seduzido pela família e por companhias da ilusão, ele deixou a oficina de carpintaria e foi. Depois, mais tarde, veio pedir alguma ferramenta. Passámos-lhe requisição e foi comprá-la. Agora, escreve a dizer que já nem isso tem; que está na idade de ir para a tropa e que não tem nada nem ninguém! Pede para regressar. Talvez que o seu propósito seja o de vir e não criar problemas na Comunidade que temos de salvaguardar. A experiência tem-nos dito em desabono de outros.

A carta deste e doutros é um acordar. Para eles que dão fé do ensino e oportunidades que tiveram e ao longo do tempo foram desperdiçando; para os presentes que estão a tempo de ver e não se deixarem levar por essas ilusões... E para nós que, dia após dia, labutamos para que compreendam e vivam na esperança e no esforço de se elevarem.

CHAVES — Tem sido cá em Casa o bom e o bonito por via das chaves! Delas partidas, delas perdidas e não sei que mais. Nós já nem sabemos como solucionar o problema. São muitas portas e muitas chaves entregues a eles. Se isto não fosse a Casa do Gaiato, haveria menos candeira: uma pessoa só para abrir e fechar portas. Mas não; uma chave dada a um rapaz pode ser a conquista dum homem e isto vale tudo. Temos que continuar.

VISITANTE — É a segunda vez, se não estou em erro, que, depois da celebração de domingo, vem ter conosco aquele senhor. Traz roupas e calçado, tudo que vai guardando dos seus para os nossos. É assinante de O GAIATO. Lê-nos, comunga, sente. «Eu só há pouco é que comecei a ser religioso.» Aqui está o que Pai Américo afirma quando diz que a nossa Obra é de todos, sem olhar às convicções de cada um. Sentir a necessidade dos outros, acudir-lhes, tratar feridas é religiosidade de todos os tempos.

Está a findar o Ano Internacional da Criança, e não me consta que a Criança da rua, aquela que se mistura com latas e tábuas desbotadas, tenha sido muito alvo de atenção! Servir estas crianças seria algo a fazer; mas não: elas até parece que não são abrangidas pelos direitos. Elas mais os pais que as geram em tão precárias situações...

«A nossa Obra é de todos sem olhar a demagogias.» Basta que se queira servir os Outros.

Este nosso Amigo perguntou o que nos faria mais falta neste momento. E nós, porque as nossas obras são um sugar de coisas que se compram e se pagam, dissemos ao senhor que precisamos de dinheiro. Prometeu mandar.

TEMPOS LIVRES — Américo Correia e Rodrigues fomentaram o entusiasmo e é ver grande e pequenos atarefados nas horas vagas.

São os «primeiros jogos de animação». Hoje a frente da nossa Casa já parecia um arraial, tudo iluminado! Dei uma olhadela para dentro do salão e reparei que um grupo dos mais pequenos se entretinha na construção de grinaldas e não sei que mais. Na carpintaria, também sei que o Raimundo, o Fernando e outros têm colaborado. Eles pensadores, eles entusiasmados têm sido figuras vivas de quanto vale o esforço individual em relação ao que precisamos executar na Comunidade.

Ao ver esta iniciativa tenho pensado com alegria na nossa divisa: «De Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes». As preposições ligam o sentido que cada um tem para sua própria realização. Só o entusiasmo e sacrifício de alguns pode dar gosto e tornar eficaz o sacrifício e dedicação por todos.

UM DESABAFO — Elói é o chefe-maioral da Casa. Ele tem procurado remediar as coisas. Noutro dia desabafou: — «A gente chega ao fim do dia com a cabeça moída!»

Quanto custa mandar!... Mandar e dizer o gosto de obedecer; ver as coisas como a razão manda. Que bom o Elói saborear o cansaço! Outros já foram seus chefes e sentiram a mesma coisa. Que o Elói mais os que têm missões de responsabilidade, sintam a cabeça cansada, mas com o sossego de estarem a contribuir para a formação dos seus irmãos.

Ernesto Pinto

Tojal

PRESENÇA — Há bastante tempo que o Tojal não aparece nas colunas de O GAIATO! Um pouco por preguiça e outro tanto por esquecimento não têm chegado até vós notícias daquilo que por aqui se tem passado.

Rompido esse silêncio, convido aqueles com possibilidades para escreverem a darem atenção à necessidade de, em cada quinzena, se marcar presença. Os Amigos exigem-no, porque têm direito a isso.

VENDA DO JORNAL — Já uma vez me referi a este assunto. Foi numa altura em que não só a venda do jornal estava a enfraquecer, mas também em que abundavam na Capital as mais variadas espécies de venda e de produtos a vender.

Mesmo aqueles que são assinantes têm uma ideia das circunstâncias em que por vezes o pequeno vendedor de O GAIATO tem de actuar. É verdade que «o sol quando nasce é para todos» e o «direito à vida» é universal; mas às vezes melhor seria que muitas das actividades de venda fossem reduzidas a zero para bem dessa mesma vida.

E assim, contrastando com ideologias ou «mercadorias» muito antagónicas, os nossos vendedores dão sinal de vida. Da sua e da Obra. A certeza de que tudo ainda está de pé e segue em frente, vencendo crises, internas e externas, buscando proporcionar o máximo bem a uma das

camadas mais desprotegidas do nosso País.

Porém, às vezes acontece que, por medo, por «vergonha» ou por preguiça, o jornal não chega aonde devia chegar, nem é vendido na quantidade costumada.

Importa separar o aspecto económico-monetário da venda, do aspecto de mensageiro que sem dúvida o jornal é, assim como a presença de quem o vende. Exorto por isso todos os Rapazes incumbidos desta missão a não esmorecerem, a não serem (sejam francos) preguiçosos e desinteressados. Há que ser corajosos e fortes. Sentir, mesmo, orgulho naquilo que se faz, naquilo que se vende e, mais importante, serem merecedores da atenção, da amizade e do carinho com que muitas vezes são recebidos. Sabeis bem que isto é verdade.

A vós, Amigos, eu quero agradecer as atenções dadas aos nossos pequenos e convido-vos a continuarem, arrastando convosco outros interessados, propagando a notícia da Obra e do espírito que a sustenta.

Jorge Cruz

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● Aquela viúva com um ror de filhos deficientes mentais — aqui referida oportunamente — andou pelo seu pé, com muito sacrifício, a tratar dos documentos para se habilitar à pensão de sobrevivência. E, por força do disposto na lei, teve de fazer um pesado investimento de tempo nas repartições; até mesmo em dinheiro!

Foi um requerimento em papel selado; uma declaração «para que a pensão que vier a ser atribuída seja paga por crédito em conta de depósito, aberta em dependência da Caixa Geral de Depósitos»; e dez certidões do Registo Civil — com uma exigência que brada aos céus: «Sujeitas ao pagamento do imposto do selo e dos emolumentos correspondentes!» Como se a papelada fosse para um Rockefeller... Ou a velha técnica oficial de dar por um lado e tirar pelo outro?!

Somos um País muito caricato e anedótico nestas exigências! Ora vejamos: Enquanto a Previdência estatal obriga ao pagamento integral dos impostos e emolumentos da papelada nas Conservatórias, não acontece o mesmo com a estatizada. Que fraternidade!

Os chamados homens públicos, sempre tão ocupados noutros assuntos ditos importantes, não dão — ou fazem que não dão — fé destas desigualdades de tratamento; sobretudo do tremendo sacrifício que tudo isto implica no deficitário orçamento dos Pobres que, nestes casos, se vêm na necessidade de contrair empréstimos, de andar com a mão estendida, só por mor da papelada!

● A reparação da cadeira motorizada para o nosso paráltico — que mereceu especial atenção dos nossos leitores — está nas mãos de artista qualificado. O veículo será muito funcional. E o vicentino responsá-

vel segue a obra a par e passo. Segundo ele, «temos procurado atender a modificações indispensáveis à boa condução do utente». «É pena — acrescenta — faltar uma peça no motor que não tem sido fácil encontrar no mercado. Já disse ao mecânico para não desanimar! Às vezes, as coisas estão onde a gente menos espera». Lá isso é verdade! «Só em último recurso compraremos um motor.»

É uma graça de Jesus de Nazaré, a promoção social deste homem. Assim não encontre tropeços no caminho. E 1980 seja, para ele, um ano de redenção — de Libertação pelo Senhor Jesus.

PARTILHA — Ora aqui temos recepções ao SPS em prol da cadeira motorizada, do nosso paráltico: Benilde d'algures, um conto, «produto de um trabalho de horas extraordinárias». Carvalhosa (Coimbra), 100\$ que, «junto a outros, darão mais alegria a um lar como tantos que existem neste mundo de Cristo». Mais 300\$00, de Lisboa, Rua da Saudade, «pequena migalha que se juntará a outras, se Deus quiser, para o arranjo da cadeira de rodas do deficiente». 1.000\$00 de Fiães (Feira).

«Velha amiga» lisboeta, 600\$00. Outra grande Amiga da Rua Ferreira Borges, Coimbra, o mesmo. «Criada Maria», 200\$00 «para ajuda de uma ceia de um Pobre da Conferência — por alma dos meus Pais». Notas valiosíssimas!

Quitéria presente com 200\$00. Idem de Silvalde e um esclarecimento oportuníssimo:

«Gostaria de dar mais, e ser mais assídua. Infelizmente há mais instituições que também é preciso ajudar e, sobretudo, a pobreza limpa e envergonhada — especialmente órfãos e viúvas — que são do nosso conhecimento directo, e que, na medida do possível, tentamos ir ajudando.»

«Critério cem por cento cristão! Anónima, de Fátima, 500\$00. Assinante 19177, metade. «Velha Amiga da Rua Firmeza» (Porto), «pequena migalha para o casal de velhinhos mais necessitados». Gaia 200\$00 «com saudações vicentinas». Oficiais do mesmo ofício! Mais um conto de Nova Oeiras. Maria Antónia, de Lisboa, 200\$00. Idem de Júlia, com uma chamada: «Vamos a ver se estes novos senhores se vão lembrar dos velhos reformados. Deus queira. Seria bom para todos. Mal escrito, mas o suficiente para dizer o que sinto». Já houve aumentos!

Tavira, 500\$00. White River, África do Sul, 5 rands. O dobro da Guarda, pela mão de «uma amiga de sempre» para distribuir «da maneira que melhor entenderdes».

Rua Rodrigues Cabralho, Lisboa, 500\$00. «Este silêncio — afirma no postal — não foi esquecimento. Houve várias coisas e doenças, mas tenho-os sempre presentes. Passou mais um aniversário da ida para o Céu do nosso filho e, por isso, lhe pedi por vocês todos e, creio bem, há-de interceder por nós junto do Senhor!» Comunicação dos Santos! Testemunho de fé! Pois está a interceder, sim senhor!

Mais 500\$00 da assinante 18127, de Lisboa, «para ajuda da consolda do

mais Pobre da Conferência». E metade de Casal amigo da Av. Marquês de Tomar — Lisboa.

Retribuímos do coração, a todos, votos de Santo Natal e Ano Novo.

Júlio Mendes

Paço de Sousa

AGRADECIMENTO — Não podemos deixar de referenciar as cartas e os postais de Boas Festas que nos endereçaram.

Do mesmo modo retribuimos e agradecemos a todos os nossos Amigos, votos muito sinceros de bom Natal e próspero Ano Novo.

SERVIÇO MILITAR — Foram chamados a cumprir serviço militar: Maciel, Humberto e «Risinho». Para todos eles desejamos felicidades e que enfrentem com coragem os problemas que se lhes depararem. Boa sorte!

PRESEPIOS — Em nossa Casa, como na de muitos Assinantes e Amigos, faz-se o Presépio com todos os requintes e gostos variados. É um encanto ver os mais pequenitos entretidos na montagem do Presépio. Até os mais velhos têm gosto por estas coisas, pois todas as casas da nossa Aldeia têm algo a representar esta quadra, quer seja o Presépio ou a árvore de Natal.

Também é costume, todos os anos, fazer posteriormente uma festa. Cada casa da nossa Aldeia trata de arranjar uns tostões, em geral depositados no pratinho junto ao Presépio, dos nossos visitantes. Depois é lá para o dia de Reis, aquele é desmantelado e são feitas as contas para a compra de guloseimas para alegrar a festa.

Há dias estava na casa 2 de baixo e ouvi o comentário de um Amigo sobre o destino a dar ao dinheiro do pratinho do Presépio. Achei, então, oportuno falar neste assunto.

TORNEIO DE NATAL — Já é hábito, não só aqui em Casa como em muitos outros locais, realizar a Prova de S. Silvestre. Os preparativos estão a ser feitos neste sentido e, durante a semana do Natal, haverá um torneio de Damas e Ténis de Mesa para todos os atletas populares dos concelhos de Penafiel e Paços de Sousa.

Oxalá estejam em forma e tudo corra bem.

PASSAGEM DO ANO — Também o nosso Conjunto musical está em preparação para proporcionar à Comunidade umas horas de alegria e boa disposição na passagem do ano.

Contamos com a presença de pessoas amigas e vizinhos, bem como a maior parte dos nossos casais e respectivas famílias.

A nossa maior aspiração é que tudo corra bem, uma vez que é a primeira vez que nos propomos fazer uma festa de passagem de ano e ainda não estamos muito à vontade



Retalhos de Vida

O Ludgero



Eu sou o Ludgero. Tenho 13 anos e sou natural de Olhão.

O meu pai é natural de Vila Real e minha mãe de Alcácer do Sal. Foram os dois casar a Lisboa e, depois, seguiram para Olhão, onde eu nasci.

Tenho nove irmãos: três raparigas e seis rapazes.

Somos pobres. Eu fugia à Escola para ir à doca arranjar peixe, que depois vendia no mercado municipal de Olhão. Ganhava muito dinheiro, para gastar na borga e pouco dava à minha mãe, que bem precisava de comprar coisas de comer e roupa para vestirmos.

Então, como já tinha dois irmãos na Casa do Gaiato, pedi à minha mãe para vir para a Casa do Gaiato. Ela disse que sim. Eu próprio escrevi uma carta ao senhor Padre Carlos, na qual pedi a ver se poderia vir para cá. Respondeu que sim. Eu vim e, agora, encontro-me bem; feliz, e cheio de saúde, graças a Deus.

Estou a frequentar o 2.º ano do Ciclo Preparatório TV e gostaria, depois, ser electricista; gostaria de trabalhar em instalações eléctricas.

Ludgero Paulo Tadeia Mendes

REFLECTINDO

A Casa do Gaiato nasceu em nome de Deus. Em Seu Nome vive e viverá. Deus é a Fonte que a alimenta e impulsiona.

Ele, através dos homens, opera e realiza; os frutos aparecem.

Em todas as fases do ano chegam até nós reflexos da presença de Deus no coração dos homens. Presença que se traduz em amor operante. Amor que se testemunha nas mais diversas formas e que chega até nós vivo e construtivo. Assim em todas as fases do ano, mas de uma maneira mais intensa na época do Natal. Nesta altura somos aconchegados pelo bafo de tantas provas de carinho que o nosso coração não pode deixar de senti-lo profundamente.

Cristo, ao nascer entre os homens, foi o Mestre do Amor. Mestre para sempre. Aqueles que O querem seguir têm que receber d'Ele a força, o impulso para afastar o egoísmo, tão marcante em cada um de nós. Ele manda-nos sair de nós mesmos e fazer nossos os problemas dos Outros, sentindo-os em nós, na carne e na alma.

Cristo, o Sinal da comunhão, manda-nos viver comungando. Ele, Sinal de Amor, manda-nos viver amando.

Em Seu nome criada, a Casa do Gaiato é o resultado de muitas parcelas de amor reunidas numa grande família com muitos filhos, naturalmente com muitos problemas vivos a pedirem resposta àqueles que mais directamente lhe entregaram a vida, mas também a todos aqueles que a fazem sua, de perto ou de longe, colaborando com a sua ajuda. Cada um no seu lugar. Cada um, dando

a sua quota-parte, torna possível a vida.

A ajuda que nos vem chegando das mais diversas formas nesta época do ano vem enfeitada com a beleza do Natal. Não enfeitada por fora mas por dentro. Vem de corações em Festa porque sensíveis à Boa Nova.

Assim o nosso Natal, que procuramos viver, como as outras famílias mais pequenas, terá sobre a nossa mesa a presença viva de todos aqueles que com o coração comungam a nossa marcha.

Padre Abel

AQUI LISBOA!

Escrevemos a pouco mais de uma semana do Natal para o último número de O GAIATO de 1979. Ao fazê-lo, desejaríamos dar acção de graças por todo o Bem recebido e de que fomos meros intermediários na transmissão aos outros Homens.

O ano foi difícil. Duas mortes muito sentidas, da sr.ª D. Virgínia, «recoveira» de primeira água, e da Mãe do autor habitual desta rubrica, abalaram profundamente todo o nosso ser. Somos de carne e osso como todos. Graças a Deus, porém, numa visão cristã da vida, não pode haver desfalecimentos e assim, cerrados os dentes, sentimo-nos mais empenhados e responsáveis. Deus é e tem sido uma presença de todos os instantes.

Duas forças convergentes, ao nível humano, nos têm também impulsionado: os Rapazes e os Amigos. Os primeiros pela sua correspondência positiva; os segundos pela sua presen-

ça constante, carinhosa e devotada. Isto para não citar nomes de Colaboradores anónimos, discretos e sacrificados, inscritos, sem dúvida, no «Livro da Vida». Deus seja louvado.

Pensamos que nos podíamos dar muito mais. É isso que suplicamos ao Senhor, com os nossos defeitos e limitações.

Há muita coisa a fazer por aqueles que nos estão confiados e não só. As contrariedades e as incompreensões, se as houver, devem servir para cimentar os nossos propósitos. A vida só tem sentido se a vivermos em pleno. Outros saberão muitas coisas e dirão palavras bonitas; que nos seja dada a consolação de sermos úteis em alguma medida ao serviço dos Homens.

Termina o Ano Internacional da Criança. Não queríamos

Cont. na 4.ª pág.

para adivinharmos os erros que possamos cometer.

Mas isto é o lado pessimista. O que nós queremos é que todos se divertam e gostem deste convívio.

Boas entradas para os nossos Leitores!

«Marcelino»

A OBRA DA RUA FAZ ANOS

Cont. da 1.ª pág.

de «revelar ao mundo as incompreensíveis riquezas de Cristo». Gastar-se em tal missão, eis a sua glória!

A Obra da Rua, como todas as Obras de Deus, é um pensamento eterno da Sua Misericórdia a desenvolver-se no tempo. Constrói-se e vai crescendo por um acto de obediência constante à revelação do caminho que o Senhor abre e em que segue adiante: uma das muitas veredas de Salvação do Caminho que Ele é!

Enquanto esta obediência for, «sem discussão, sem sofisma», a Obra avançará em anos, em trabalhos, em bens, na juven-

tude inconsútil e feliz que Deus causa e garante.

A multidão incontável dos que nos amam, que o seu parabém seja uma prece para que assim seja.

Padre Carlos

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA VICENTINA — Aos amigos e benfeitores da Conferência do Lar do Porto, vimos desejar um Santo Natal; e agradecer todos os donativos que fizeram o favor de nos enviar ao longo do ano. Esperamos a continuação do vosso auxílio, pois sem ele não poderemos ajudar aqueles que tanto precisam. Confiamos em Deus e nos vossos bons corações.

A Sr.ª Maria da Rocha, que há longos anos vive numa autêntica gaiola, vai enfim ter uma casa aonde possa viver com limpeza e ar! Mas como não tem senão os seus males — e tantos são eles, dos pés à cabeça! — temos de assumir a responsabilidade do pagamento da renda da casa.

Vai para uma moradia da Câmara, mas ainda não sabemos quanto irá pagar.

Como a quem Deus promete não falta, temos a certeza de que a Sr.ª Maria terá a sua renda certa no fim do mês.

Que o novo ano traga para todos vós muita saúde e paz, são os desejos sinceros de todos nós.

Um Vicentino

TRIBUNA DE COIMBRA

É ver e ouvir os nossos mais pequeninos a perguntar «o que traz o Menino Jesus?»

Natal é sempre festa de Esperança. Há muitos sinais de amor dos homens. Chegam mensagens muito diversas e muito distantes.

A maior parte dos homens pedirá a Deus-Menino que haja mais amor entre todos:

- Para que haja vida.
- Para que haja pão.
- Para que haja paz.

Para que todas as famílias tenham casa.

Para que todos os filhos tenham pais.

Para que todos os cidadãos tenham pátria.

Que não haja represálias.

Que não haja assaltos.

Que não haja guerra.

Pedimos a Deus-Menino e desejamos a todos Boas Festas e um Novo Ano muito feliz.

Padre Horácio

Ano Internacional da Criança

É uma carta de Castelo Branco. Ora leiam:

«Agradeço todo o apoio prestado, ao solicitado por intermédio da Escola do Magistério Primário, como professora de Metodologia e Coordenadora da Experiência dos Novos Programas.»

Como expliquei na devida altura, foi proposto um plano de trabalhos, englobado no Ano Internacional da Criança. Uma vez a ideia aceite, todo o nosso trabalho, que mobilizou onze professores e respectivos alunos, esteve voltado à reflexão dos problemas alheios, à dedicação e ao amor com que devem ser encarados.

Das sugestões de actividades surgiu uma brochura com textos que as nossas crianças dedicaram a todas as crianças, muito em especial às da Casa do Gaiato. Brevemente enviaremos alguns exemplares para as vossas bibliotecas, bem como uma pequena quantia, fruto da venda de algumas dessas brochuras.

Creio que os vossos galatos mereceram, da parte de todos nós, o maior carinho. Para todos, o nosso grande beijo de amizade.»

O senhor Dr. Avelino

Assim era conhecido entre nós esse venerando Padre e precioso Amigo, Avelino de Sousa Soares, que o berço e a infância fizeram companheiro de Pai Américo e o sacerdócio voltou a irmanar depois de longos anos de mútua ausência.

P.e Avelino trilhou pelo Seminário, pela Sorbonne, pelo ministério eclesiástico e pelo Ensino, enquanto o Américo, terminada a Escola Primária (que fizeram juntos), continuou estudando em Penafiel e Felgueiras e, depois de breve emprego no Porto, seguiu para Moçambique.

P.e Avelino volta a aparecer na vida do Américo quando este o procura para lhe pôr o seu problema vocacional e lhe pedir conselho. Felizmente não o seguiu, como o próprio Dr. Avelino registou em «Facetas de uma vida».

De 1923 a 1943, data em que Pai Américo veio para Paço de Sousa, poucas vezes se encontraram. Mas a partir de então, Dr. Avelino é uma testemunha próxima e activa do acto sacerdotal que é a vida do conterrâneo e companheiro de infância, um amigo presente, um colaborador discreto mas prestante em grandes momentos do crescer da Obra.

Quantas vezes se encontraram para partilhar alegrias e horas dolorosas! E depois que Pai Américo nos deixou, como sentimos o seu apolo sábio e prudente a orientar e a confortar a nossa inexperiência! Uma dívida a que tão mal correspondi com a pouca companhia que lhe fiz nos derradeiros anos!

O Senhor levou-o para Si no passado dia 11. Noventa e dois anos (era treze dias mais velho que Pai Américo) é uma longa passagem pelo mundo. Longa foi também a purificação da cegueira progressiva que desde há vários anos lhe não permitia o convívio dos seus livros, os grandes companheiros da solidão.

Dependência foi a condição dos seus últimos anos, condição que ele aceitou amorosamente das mãos de Deus, o Misericordioso. Ouvia ler um pouco quando tinha quem lhe lesse. Conversava com o saber e o sabor que eram seu dom, quando tinha com quem. (Muitos dos que agora me lêem terão apreciado a vivacidade do seu pensamento e brilho da sua palavra quando há dois anos ele fez sózinho um programa sobre Pai Américo na Televisão.) E rezava. Rezava por todo os homens e também por nós todos, os da grande Família da Obra da Rua, a quem também Vós, Leitores, pertenceis.

Não é despropósito, pois, recomendá-lo às orações de todos. Ele não precisará delas Lá na morada eterna onde o julgamos. Mas é um dever piedoso e de gratidão que a todos aproveitará, pois há-de ajudar à sua continuada intercessão por nós, que permanecemos na luta que é a vida sobre a Terra, por mais um tanto tempo que só Deus sabe quanto.

Padre Carlos

De como nasceu a CASA DO GAIATO

Cont. da 1.ª página

Não há, à primeira vista, aquela afectividade escaldante que costuma haver quando chega o catraio de Coimbra; mas é de pouca dura o tempo das cerimónias. Daí a nada entendem-se; são irmãos.

Se batemos o torrão na soleira do tuguirio, ao tomar o garoto nos braços para o transplantar ao sol, é unicamente para sacudir a terra má, que não o pequenino; a ele, queremos-lo tal qual é, para ser outro, dentro em breve tempo.

O rapaz não sobe de posto por ser da Casa do Gaiato; melhora de situação. Velo das classes pobres; continua a ser e a viver pobre.

Salvo melhor opinião de mestres, afigura-se-me que toda a Obra de assistência à mocidade indigente deve incutir no ânimo dos jovens amor ao trabalho e ensiná-los a trabalhar. Sendo certo que o trabalho é o remédio eficaz contra a miséria.

Se mais alguém no País quiser consagrar a sua vida ao garoto da rua ou à chusma dos filhos empobrecidos pelos males sociais, deve dar à Obra a máxima objectividade, educando a criança como ela deveria sê-lo em sua casa, no seu meio, dentro das possibilidades da família. A Obra deve girar nos moldes da família, enquanto o miúdo lhe não puder ser restituído; e se este a não tiver, há-de sair do Ninho capaz de a construir, pela prática que teve dela.

A Casa do Gaiato é uma Obra eminentemente social e familiar. Não tem pautas, nem estatutos, nem regulamento — nem orçamento.

Os mais crescidos vão roçar mato de manhã cedo, com o almoço numa cesta de vime, e comem quando bem lhes ape-

tece, à maneira dos trabalhadores. Ao meio-dia regressam a Casa para jantar; no fim do que, atrelam a jumenta ao carro e de novo voltam ao monte, a colher o fruto do seu trabalho. A distribuição do mato nos estábulos, mai-la do estrume nas terras, é obra das suas mãos.

Outros mais pequenos, após a hora da Escola, tomam a merenda nas algebras e vão às pinhas e à lenha morta, pelos montes fora. Sobem acima dos pinheiros, colhem amoras no caminho e trazem na mão ramos de flores, que os mais miúdos colocam nas jarras, seguindo o seu gosto e arte.

O das capoeiras abre as por-

tas e vigia as galinhas, não vão elas picar no que é dos mais.

O da cabra toma-a pela guita e vai, campos em fora, catar bichos nas leivas enquanto ela pasta.

Todos nós, os que somos filhos do trabalho dos campos, fazíamos a mesma coisa em pequenos, na casa dos nossos pais.

E como tínhamos irmãos traquinas ou éramo-lo nós mesmos, também os há na Casa do Gaiato, para ser em tudo casa de família.

D. Américo!

(in OBRA DA RUA)

Quarenta anos depois

Eu já estava aflito: o Júlio Mendes a pedir que escrevesse para O GAIATO! Disse-lhe que sim e que não, ao mesmo tempo. Sugeriu-me o tema. Mesmo assim, com a papinha quase feita, ainda me custou! Disposição e obrigação, em luta. Falta de ambiente, também. No escritório da casa-mãe, e àquela hora, nem pensar. O telefone: — «É preciso ir buscar uma carrada de blocos». Outro que bate: — «Venho buscar o correio». Ainda outro: — «Aqui falta isto...» Mas este, o último, resolveu tudo: — «Olhe, vá até à mata e escreva».

Assim fiz. Papel e lapiseira, pé-ante-pé, mas ligeirinho. Pelos campos abriam-se gaivas fundas, para amparar ou substituir videiras velhas pelas novas. Mais além, três dos nossos rapazes arrancam árvores que já não dão fruto. Não

por velhice, mas por erro de poda. Quando lá cheguei, vi os casacos pendurados, ferramenta no chão e o lugar ainda quente do trabalho. E mais nada. Perto havia uma laranjeira. A única da nossa quinta. Era lá o paradeiro dos três grandes trabalhadores. Grandes no corpo!...

E aqui me sentei, junto à laranjeira, debaixo do beiral da casa da mata, para escrever.

Pai Américo mandou construir esta morada para repouso. Hoje ainda continua a servir de repouso para rapazes já casados — que tão bem sabem trazer-nos o calor da sua família — que conosco querem estar uns diazitos.

Daqui, ouvimos e vemos toda a graciosa Aldeia a mexer-se. Os pequenos «da lenha» estão mesmo na lenha, apanhando varas das vides a serem podadas. Ouve-se a voz do chefe e a deles! Aqui perto, só os passaritos é que se abeiraram da gente. Oh! mas não. Umaz vezes estão a aproximar-se. Quatro dos da Telescola querem bebidas para a festa do Natal. E vieram cá...! Risinhos e bem dispostos, como se eu estivesse, agora, com paciência para os aturar... Lá os despachei.

Este é um pequeno momento da nossa vida. Vida começada há quarenta anos. Vida que se mantém. Oxalá a Esperança num futuro mais humano para todos os homens se estimule sempre com os sofrimentos e alegrias do nosso dia-a-dia.

Padre Luiz

Padre Moura



Tiragem: 39.000 exemplares

AQUI, LISBOA!

Cont. da 3.ª pág.

mos ser radicais ao considerá-lo como Ano Internacional de Mistificação a propósito da Criança. Em nosso entender, para lá de iniciativas respeitáveis e bem intencionadas, poucos frutos se colherão, ficando-nos como consolação o facto de continuar a ser a Igreja, apesar de revisões e de ajustamentos a fazer, a grande Força ao serviço da Juventude. Para Ela todos os anos são da Criança!

A propósito do dito Ano Internacional não poderíamos deixar de assinalar o aumento acentuado de problemas e de dificuldades. O número de abandonados, de filhos sem pais ou de inocentes vítimas da separação ou do divórcio, cresceu, enquanto a capacidade de resposta da sociedade estagnou ou diminuiu. E as questões não se resolvem apenas com estudos, conferências ou mesas redondas. Isto pode

ser um meio mas não resolvem, por mais que queiramos, os dramas pungentes que se nos deparam no dia-a-dia. Uma das causas do nosso profundo desgaste reside essencialmente na incapacidade de resolvermos as situações com que deparamos ou nos são apresentadas.

Nestas colunas, à laia de apontamentos sincopados, iremos acompanhando os casos mais dignos de registo. Os Leitores compreendem a índole de O GAIATO e que o tempo nos falta para aprofundar os temas aflorados. Por amor dos Homens continuaremos a denunciar as injustiças e a defender os mais fracos.

● No aspecto material nem tudo o que tínhamos projectado se consumou. Equipadas as oficinas, o depósito de gás e uma lavandaria à altura das exigências da Casa, não se descurou também o sector agrícola e a pecuária. A últi-

ma habitação dos Rapazes deve entrar em funcionamento dentro de três a quatro meses, na pior das hipóteses. Um pavilhão social polivalente está já em marcha, embora na sua fase inicial; as casas dos nossos ex-Rapazes, já aqui mencionadas, vão ser uma realidade; no sector escolar aumentou substancialmente o número de estudantes, graças, em grande parte, ao espírito de sacrifício e de doação de alguém, cuja proverbial modestia não queremos beliscar; em várias frentes, como é natural numa Casa deste tipo, se desenvolve um esforço imenso, que não está em conformidade com os nossos recursos materiais e humanos, mas que a força do Alto permite e justifica. Queremos que o Natal, com o significado que comporta, seja uma atitude de todos os dias do ano.

● Terminamos com os melhores votos. Que a alegria se